Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 197 • Uberaba/MG • de 4 a 10 de março de 2002

A força da periferia

Espaço cultural garante união dos "manos" no centro da cidade

Págs 6 e 7

Leonardo Belardi

Sedutora, guerreira, solidária. Mulheres mostram suas faces

Págs 3, 4, 8 e 9

issuu-downloader.com

Editorial

Do povo para o povo

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

Normalmente, pensamos que a periferia, que margeia a zona central de uma cidade, é o local onde só encontramos uma infinidade de problemas sociais, das mais diversas naturezas. Em consequência, imaginamos que isso deve ficar isolado por lá, para que não nos atinja. Porém, além de percebermos os vários problemas, precisamos vasculhar as ruas, alamedas e até os fundos dos quintais, em busca de possíveis soluções. Se olharmos com atenção, poderemos enxergar valores dissociados aos problemas financeiros, o mais gritante da periferia. Veremos também que não é um lugar marginal – aquele que margeia. Lá se produz, não em escala industrial, mas sim, em escala emocional.

A cultura popular é tão forte e diversificada em nosso país que, mesmo sem os mecenas, o povo inventa um jeito para se expressar

A cultura do povo não está associada a riquezas materias, abrange outros fatores desvinculados ao status social. São emoções, experiências e vivências que se desenvolveram de forma simples, muitas delas, ainda utilizando um processo muito antigo, a comunicação oral. Essa cultura é passada de pai para filho, garantindo assim a difusão e a manutenção de um valor social importantíssimo para o desenvolvimento das comunidades.

Várias formas de expressão tiveram um grande apoio a partir da era renascentista, através dos mecenas. Porém, a partir deste período, houve uma elitização da arte. E hoje, ela vêm por vários caminhos, inclusive o popular. As grandes galerias de arte e casas de show estão aí para divulgar as manifestações sócio-culturais. Mas para a realização destes eventos, precisamos recorrer aos mecenas modernos, que visam o lucro por trás de suas "colaborações". A dita "arte" se distancia cada vez mais de nosso povo, que não tem dinheiro para comer, muito menos para assistir aos grandes espetáculos.

A cultura popular é tão forte e diversificada em nosso país que, mesmo sem os mecenas, o povo inventa um jeito para se expressar. Ele se organiza e realiza seus eventos, mesmo que sejam para a comunidade local – a periferia. Iniciativas destas mesmas pessoas estão dando resultados. Em Uberaba, podemos encontrar estas manifestações "periféricas" no centro da cidade, contrariando a idéia de centro urbano/elite cultural. Além disto, está disponibilizando um fácil acesso àqueles que se interessam pelo conhecimento, base para o desapareci-mento do pré-conceito. Um exem-plo disto, são os ternos de Congadas, Moçambiques e Afoxé que circulam pelos bairros e centro da cidade no dia 13 de maio. Infelizmente, o prestígio vem somente das pessoas das mesma camada social e daqueles "curiosos", ou ávidos pelo conhecimento.

O hip-hop, movimento que surgiu nos Estados Unidos e encontrou muitos adeptos no Brasil, vem dando suas caras e contribuindo para o crescimento social das comunidades onde está inserido. Além disto, ele está rompendo barreiras, ou melhor dizendo, "cercas", como é o caso de Uberaba. São alternativas que fazem a diferença em uma sociedade desequilibrada em seu aspecto geral. São propostas que enobrecem a desacreditada cultura popular. Para que possamos atingir uma melhoria na qualidade de vida, precisamos investir na cultura do povo, a primeira base de todo conhecimento humano. Não adianta protestar contra os poderosos ou fechar os olhos aos problemas que nos circundam. É preciso reconhecer os valores e propor alternativas que realmente façam uma diferença. Acreditamos que a diversificação cultural, seja qual for sua natureza, é um forte instrumento para a evolução humana.

Charge

Carta do leitor

E-mail enviado à redação para André Azevedo, autor da reportagem Arquitetura do desprezo - Escombros da memória coletiva:

Olá amigo, Parabéns! Excelente trabalho! Melhor seria um termo mais forte ainda, porém creio ainda não existente em língua portuguesa.

André, não me contive, não consegui segurar a leitura de toda a matéria que desenvolveste a respeito do descaso com edificações históricas de nosso município, e logo preferi tecer meus comentários.

"a cultura de nossa gente está sofrendo um processo erosivo"

A forma como você empregou as palavras trouxe todo o primor que esta causa necessita.

Bom, desculpe. Não me apresentei. Sou Eng° Agrônomo atuante na área de plantas medicinais e agricultura orgânica. A tua ideologia de preservação da memória popular pelas edificações é louvável. Já por meu lado tenho grande preocupação no resgate, manutenção e estímulo da memória da cultura popular pelo uso de plantas medicinais.

Vamos considerar assim: a cultura de nossa gente está sofrendo um processo erosivo. Onde, no caso específico das edificações e das plantas medicinais, acho ser, a demolição e o extrativismo vegetal desenfreado, o baque que mata as possibilidades de perpetuação concreta da memória.

Quanto às fotos, conseguiu transmitir o dobro da mensagem que escreveste, já que elas falam por si só e dão força à sua argumentação, chamando o leitor a atenção pela causa que coloca.

Pois bem André, pelo primor de seu trabalho acho que é fundamental que encaminhe oficialmente ao poder público (prefeito ou vereadores) uma cópia de teu trabalho para que legislem em relação a isso.

Sugiro ainda que, em oportunidades, inscreva teu trabalho em concursos de matérias jornalística, pois tenho certeza que poderá ter muito bons resultados.

(...)

Sempre contemplei nossas edificações pena que no dia a dia somos tragados por tantos encaminhamentos e não no seja possível defender todos aqueles que se fazem jus de maior atenção.

Forte abraço
Sebastião Evaristo Arantes Neto

Revelação **Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba**

Edição: **Alunos do curso de Comunicação Social** ••• Supervisão de Edição: **Alzira Borges** ••• Projeto Gráfico: **André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br)** ••• Diretor do Curso de Comunicação Social: **Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br)** ••• Coordenadora da habilitação em Jornalismo: **Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br)** ••• Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: **Érika Galvão Hinkle** ••• Professores Orientadores: **Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br)** ••• Técnica do Laboratório de Fotografia: **Neuza das Graças da Silva** ••• Distribuição: **Assessoria de Imprensa** ••• Reitor: **Marcelo Palmério** ••• Ombudsman da Universidade de Uberaba: **Newton Mamede (ombudsman@uniube.br)** ••• Jornalista e Assessor de Imprensa: **Ricardo Aidar** ••• Impressão: **Jornal da Manhã** Internet: **http://www.revelacaoonline.uniube.br** ••• Contatos: **Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino 1801 - Bairro Universitário - Uberaba/MG - CEP 38.055-500**

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

As garras da fêmea

Mulheres colocam homens "no chinelo" com sedução sofisticada, e eles gostam

André Azevedo
1º período de Jornalismo

Rosana Arantes, aluna do curso de Serviço Social da Universidade de Uberaba, precisava "se virar" para confeccionar um panfleto de uma atividade relacionada à disciplina. Imaginou que, se havia alguém na universidade que pudesse ajudá-la, certamente estaria na área de Comunicação Social. Chegou no bloco L sem conhecer ninguém e foi orientada a procurar alguns alunos que sabem trabalhar com produção gráfica. Assim como quem não quer nada, e naquele charme "especial" que só as mulheres têm, em alguns minutos mobilizou um, dois, três, quatro, cinco marmanjos prestativos que revezavam-se para atendê-la com todas as atenções do mundo. Houve muito trabalho. Um *diagramou*, outro ajustou aqui e ali, outro imprimiu o *layout*, outro *compactou* e um último pelejou até tarde para descobrir como dividia o arquivo em vários disquetes. Arte final em uma mão, a outra dando tchauzinho, Rosana se foi, dizendo: "gente, obrigada por tudo", enquanto os cinco eunucos, agora sem brilhos nos olhos, provavelmente fantasiavam loucas promessas que a garota, naturalmente, não fez.

Nínive Lage: "O homem não sabe seduzir. Sabe cantar"

Um aluno de Biomedicina que preferiu não ser identificado, conta um caso clássico que, segundo ele, já deve ter ocorrido com muitos sujeitos. "Fim de festa, a mina chega, dá mole, pede pra levar em casa, e não rola nada", relata sucintamente. Segundo ele, os homens se sentem enganados porque a sedução da fêmea "é uma arma que elas têm e a gente não sabe se defender", diz. Perguntado se sabe lidar com os encantos femininos, Victor Antunes, aluno de Odontologia, respondeu: "Eu não *guento*".

Lizandra Bontempo, aluna do curso de Comunicação Social, acredita que pequenas doses de sedução podem ser usadas para conquistar alguns objetivos, desde que feito sem abusos e não causem constrangimentos. "É claro que não é legal uma pessoa passar por cima de todos só porque é muito bonita", diz. Mesmo assim, Lizandra afirmou que não costuma "jogar um agá" para, por exemplo, conseguir o atendimento mais rápido de um funcionário. Uma aluna do curso de Medicina Veterinária lembrou que, às vezes, uma necessidade muito grande pode fazer levar a mulher ao uso desses expedientes para alcançar o que precisa. "Mas isso não é uma coisa boa", conclui.

Evidentemente, o jogo da atração física não é privilégio da alma feminina. A socióloga e professora da Universidade de Uberaba, Maria de Fátima Ferreira, percebe que esses artifícios são utilizados por ambos os sexos. Ela cita Freud, dizendo que o tempo todo estamos, homens e mulheres, tentando seduzir uns aos outros. Uma aluna do curso de Biomedicina que preferiu não se identificar, insiste que os homens utilizam-se descaradamente desse recurso. "Os rapazes fazem isso com a gente também. Eles pintam e bordam. Muito homem apronta mesmo, faz até pior", desabafa. Ela confirma que o caso da carona é clássico, mas não aprova esse comportamento na mulher. "Porque algumas moças fazem, acabamos todas com fama de *Maria Gasolina* ", diz.

Mesmo assim, quase todos os entrevistados concordaram que o domínio e a sutileza no uso da sedução é mais aguçado nas mulheres. "O homem não sabe seduzir. Sabe cantar", resume Nínive Lage, funcionária da Biblioteca Central. Sinara Guinarães, aluna do curso de Odontologia, também percebe que a mulher é mais sofisticada. Segundo ela, o instinto de sedução é poderoso na alma feminina. "Além disso, o homem gosta de se submeter. Mesmo sabendo quando se trata apenas de um jogo de interesse, de uma fantasia, ele sempre espera que vai conseguir tirar proveito e se deixa levar", diz.

A socióloga Maria de Fátima Ferreira sugeriu uma idéia que pode ser um começo para se desvendar essa charada. Ela afirma que os propósitos do jogo da sedução costumam ser diferentes entre os sexos. "Para o homem, a sedução tem quase sempre o objetivo de concluir o ato sexual. A mulher muitas vezes seduz porque quer apenas proteção ou companhia", afirma. Com o instinto sexual sempre alerta, o homem estaria, portanto, constantemente à mercê. Lizandra Bontempo, quase sem querer, reforçou essa hipótese quando respondeu à uma questão reformulada. Foi perguntado: "–Você usa do encanto feminino para conquistar pequenas vantagens no dia-a-dia?" A resposta foi: "–Não". "–Você aproveita-se dessa fraqueza do homem para conseguir pequenos e inofensivos favores?" Depois de alguns segundos, sua resposta foi: "–Sim".

fotos: André Azevedo

Ana Carolina, Sinara Guimarães, Andrea Mendes e Victor Antunes: – Eu não 'guento'

Priscila Dias, aluna do curso de Comunicação Social, percebe essa reciprocidade dos homens no jogo da atração. Além disso, lembra que os rapazes tendem à encarar qualquer gentileza como uma cantada. "Homem sempre acha que quando a garota está sendo simpática, já está a fim de outras coisas. Mas na maioria das vezes não é. É uma coisa impressionante", afirma. Letícia Pinheiro, aluna do curso de Medicina Veterinária, compartilha dessa avaliação. "Às vezes a mulher só quer ser gentil, mas o sujeito entende mal", diz. Os homens se defendem. Rafael Ferreira, aluno do curso de Enfermagem, diz que as mulheres têm responsabilidade nessa confusão. "O jeito como muitas delas se vestem acaba provocando os homens. O cara acaba pensando que a menina quer muito mais do que ser apenas simpática", diz. Um aluno de um dos cursos de Licenciatura que preferiu não ser identificado entusiasmou-se com o tema. "Aqueles decotes, aquelas calças apertadinhas, aquelas barriguinhas de fora parecem querer dizer: venha meu macho varonil, venha fertilizar esse ventre que é só seu", recitou. "Como acreditar que é só amizade, e não namoro, sendo constantemente provocado desse jeito? Não dá pra segurar a cabeça. O instinto de perpetuação da espécie é muito forte", completa.

Rafael Ferreira: "O jeito como muitas delas se vestem acaba provocando os homens"

Mas a moça do começo da matéria que mobilizou um time completo de futebol de salão para confeccionar seu panfleto também tem a sua versão. Ela não pensa que o uso da sedução seja legítimo para outros fins que não o de uma conquista amorosa. "Esse carisma que você viu faz parte de meu temperamento, independente da pessoa ser homem ou mulher", diz. Mas Rosana, que tem namorado, sabe que esse jeitinho especial pode gerar expectativas equivocadas. "Quando o sujeito se entusiasma, sei impor limites. *Pô, meu*! Não é bem assim, você *viajou*." Além disso, ela acredita que a sedução, por si só, não consegue tudo de bandeja. "Entendo que não é por aí. Não é através do instinto sexual que se conquista as pessoas, mas sim pela simpatia pessoal, pelo comportamento bem-educado, pela postura decente, pela inteligência. É esse o charme da vida", arremata.

issuu-downloader.com

Elas

A luta pelo espaço feminino

Em busca da independência, as mulheres saem de casa e quebram tabus, vencendo preconceitos

fotos: Adriana Guardieiro

Andressa procura sua independência no mercado de trabalho

Adriana Amaral Guardieiro
7º período de Jornalismo

Neste século, as mulheres revolucionaram os costumes. Criaram e invadiram espaços, brigaram, fizeram passeatas, ganharam força e passaram a ser ouvidas. Sofreram, porém mostraram que podem ser alguém na sociedade.

A mulher que desenvolve a sua atividade fora do lar enfrenta, muitas vezes, uma dupla ou até tripla jornada de trabalho. Além de desempenhar funções profissionais para ajudar no orçamento doméstico, ainda tem que atuar como mãe, dona de casa e esposa.

Dona Cida começou costurando retalhos e hoje recebe encomendas de outras cidades

Tirando essas preocupações, a mulher ainda enfrenta, no seu dia-a-dia, preconceitos de toda ordem: ganhar um salário menor que o homem que executa a mesma tarefa, discriminação por ser mulher e obrigação de estar sempre bonita e pronta para vencer as dificuldades de uma sociedade machista.

Maria Aparecida Souza Duarte ou Cida, como é conhecida, deixou os afazeres domésticos há um ano e passou a vender roupas que ela mesma confecciona. "Eu me separei de meu marido e vi que tinha que fazer alguma coisa para que meus filhos não passassem necessidade. O pai ajuda muito, pagando faculdade e remédios, mas isso não é o suficiente", conta.

Mãe de três meninas e um rapaz, Dona Cida começou seu trabalho costurando retalhos e vendendo as roupas para pessoas mais conhecidas. Depois, com o dinheiro que conseguia juntar, comprava mais tecido e os costurava. "No começo foi muito difícil até eu conseguir um capital bom. Hoje, tenho uma certa renda por mês. Recebo até encomendas de fora da cidade. Passo noites em claro costurando para dar conta dos pedidos", revela.

Dentre seus quatro filhos, Elton, de 24 anos, e Renata, de 22, estudam na Universidade de Uberaba, cursando Direito e Odonto, respectivamente. "É preciso ter curso superior, atualmente, para se conseguir um emprego. O mercado está muito difícil, tanto para homem quanto para mulher. A gente não pode ficar parado e eu estou lutando para dar o melhor para meus filhos. Estou sempre de cabeça erguida", diz Dona Cida.

A conquista profissional

Em muitas atividades profissionais, as empresas optam pela mão-de-obra feminina por notarem maior dedicação e, também, porque a faixa salarial é menor. É o que diz Andressa Mendes Rosa Peres, 22, estudante de Publicidade e Propaganda na Uniube e mãe de um menino de 4 anos. Na opinião dela o preconceito em relação à mulher está diminuindo, por isso ela procura sua independência no mercado de trabalho. "Só fica como dona de casa quem quiser. Você pode ter seu filho e trabalhar ao mesmo tempo, mas é preciso deixá-lo com uma pessoa de muita confiança", aconselha.

Ela trabalha como bancária temporária, e confessa que o pouco tempo que passa com o filho tenta se dedicar totalmente a ele. "Como a educação dele está nas mãos de outra pessoa, eu preciso ter segurança no que estou fazendo. A tendência é de aumentar o número de mulheres trabalhando fora. E eu acho que a sociedade já está encarando esta mudança de forma mais positiva. Se a mulher tem vontade de fazer algo diferente, que ela acredite, tem que correr atrás", conclui.

Para Cristiane Guarato, estudante, também, de Publicidade e Propaganda na Uniube, o homem vê tudo pelo lado racional enquanto que a mulher observa o lado emocional e consegue resolver melhor os conflitos através da confiança e não do medo. Por isso ela está conseguindo seu lugar na sociedade.

Mãe de um menino de 6 anos, Cristiane trabalha no departamento de marketing de uma empresa da cidade. Para ela, o mercado está complicado para homem e mulher, mas sempre tem um espaço para quem busca o que deseja. "Ser mãe, dona de casa e trabalhar não é fácil. Você tem que ter horário para tudo. O desemprego está muito grande, mas, apesar disso, a pessoa tem que arriscar, acreditar nela mesma. Essa foi uma opção de vida que eu fiz", termina.

Fies garante acesso fácil à universidade

Cássia Rocha
4º período de Jornalismo
Sana Suzara
6º período de Jornalismo

Cerca de 130 alunos já se inscreveram para o Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior) que neste ano prevê o investimento de 300 mil reais para a Universidade de Uberaba. De acordo com a coordenadora do programa, Luiza de Marilach , entre 90 e 95 alunos deverão ser contemplados. O número de inscritos, até o momento, é considerado pequeno em relação aos anos anteriores.

Marilach, informou que as inscrições para o Fies deverão ser feitas pela Internet até o dia 22 de março. Para se inscrever o candidato deverá entrar no endereço do Fies na Internet (www.mec.gov.br) e preencher a ficha de inscrição com dados que ele poderá comprovar no momento da entrevista. No 1º dia de abril, no site do Fies e nos quadros de aviso da Universidade , será divulgada a relação dos candidatos cujas inscrições foram confirmadas. O candidato que não encontrar seu nome na relação terá até o dia 04 de abril para recorrer e apresentar recurso junto a Universidade.

No período de 18 de abril a 03 de maio de 2002, a comissão permanente de seleção e acompanhamento do Fies entrevistará os candidatos pré-selecionados, que deverão comparecer a entrevista munidos com o original e fotocopia dos documentos pessoais e dos familiares.

A taxa de juros é fixada por todo o período de vigência do financiamento. No 1º semestre de 2002 , a taxa é de 0,72073% ao mês (9% ao ano), sem qualquer tipo de alteração monetária. Os pagamentos serão executados em três fases distintas: durante o período de estudos; a cada três meses, quando serão pagas parcelas de juros, limitadas a R$ 50,00; e nos doze primeiros meses após a conclusão do curso, quando as prestações mensais serão em valor equivalente à parcela que não era financiada pelo FIES no último semestre do curso.

O financiamento já ajudou a formar muitos profissionais sem condições de pagar as instituições particulares. A estudante do sexto período de Odontologia da Universidade de Uberaba, Ângela Maria Ribeiro, está cadastrada no FIES desde agosto de 2001. Segundo ela o valor da mensalidade do curso era de R$ 728,00 e, agora, com o Fies é de R$ 258,00. "Na minha opinião, o processo de seleção é bastante justo, pois analisa realmente as condições sócio-ecômicas de cada aluno", declara Ângela

O contrato de financiamento poderá ser cancelado a pedido do próprio estudante; por conclusão do curso; ou simplesmente por situação que impeça sua manutenção do financiamento, como por exemplo a não-obtenção de aproveitamento acadêmico em, no mínimo, 75% das disciplinas cursadas durante o último período letivo financiado.

issuu-downloader.com

Uma reconquista social

Dedicação, esforço e muito trabalho foram os motivos que levaram várias pessoas ao bairro Santa Marta, durante evento, cuja proposta foi de integrar e melhorar o ambiente de lazer da comunidade

Sana Suzana Veras

Atualmente a creche Mônica Budeus e Ricardo Misson atende 80 crianças

fotos: arquivo de Divina do Vale

Wesley Jacinto
Sana Suzana Veras
7º período de Jornalismo
Luana Neri
1º período de Jornalismo

No último dia 24 de fevereiro, a Praça da Ressurreição, localizada no bairro Santa Marta foi cenário do projeto denominado "Ressurreição da Praça". Trata-se de uma oportunidade para as pessoas desenvolverem o exercício da cidadania em benefício da comunidade em geral. A idéia foi criar um espaço no local onde as pessoas pudessem ter acesso à cultura , lazer e a oportunidade de complementar sua fonte de renda, pois trabalharam com barracas de alimentação, artesanato entre outras modalidades. A iniciativa partiu da experiência das educadoras da creche Mônica Budeus e Ricardo Misson que utilizavam a praça para recreação. Como o local é propriedade da paróquia e estava sendo mal utilizado com a presença de usuários de drogas, resolveu-se realizar o projeto.

Bloco dos palhaços animou a praça da igreja

"O evento superou às expectativas", assim garantiu a voluntária da creche Divina Oliveira do Vale, que também é orientadora religiosa do colégio Marista. Ela disse que os expositores corresponderam com a iniciativa em criar a feira através da mostra de seus trabalhos. O público pôde acompanhar a apresentação de peças teatrais, shows artísticos, recreação com as crianças e oficinas profissionalizantes. Além da variedade de pratos feitos pelos próprios moradores, a venda de artesanato, os visitantes receberam assistência de profissionais da saúde e beleza.

Moradores contaram com avaliação nutricional

Organização

Os recursos adquiridos com as atividades desenvolvidas na feira, serão destinados à manutenção da creche comunitária, que apesar de ter um convênio com a prefeitura, busca sua autonomia. Divina do Vale afirmou que a proposta do projeto é realizar a feira uma vez por mês e destacou ainda que ele será implantado por etapas, de acordo com o sucesso da feira. A intenção é atrair outras comunidades, de modo que mais pessoas possam ser beneficiadas.

Outra meta é garantir cursos e oficinas que serão oferecidos pela Creche a quem estiver interessado.

A voluntária disse que em 1998 o projeto já estava em fase de estudos, tanto por parte da Creche como da Igreja da Ressurreição. mas só agora foi colocado em prática devido a burocracia.

"Todas as pessoas terão um ambiente saudável e descontraído, e contarão com a presença de reforço policial durante a mostra" declarou Divina do Vale. Ela afirmou ainda que todos da Creche Mônica Budeus e Ricardo Misson, estão sensibilizados com a participação de estudantes de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, pelo interesse em divulgar e assegurar o bem-estar social de moradores e paroquianos.

Missão

A instituição existe há cinco anos. Foi fundada no dia 10 de fevereiro de 1997 com a missão de ajudar a comunidade na complementação da educação das crianças durante a jornada de trabalho dos pais. O atendimento ao público só foi possível graças à união dos membros da comunidade paroquial que trabalharam na construção da creche. A luta para promover o desenvolvimento da sua estrutura física continua para que possa acolher mais 40 crianças além das 80 que recebem atendimento.

Oficina ensinou artesanato aos interessados

Participaram das entrevistas:
Mariana Marajó e Karine Rogério
1º período de Jornalismo

issuu-downloader.com

A periferia é aqui

Não importa o lugar, o que importa é criar. Assim, os adolescentes de diferentes bairros da cidade assumem o que gostam e fazem arte, enfrentando abertamente a discriminação

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

O Projeto Periferia Cultural é a união de vários movimentos sócio-culturais da periferia de Uberaba. É uma alternativa para criar espaço para as manifestações culturais da comunidade. De acordo com o presidente da Companhia Brasileira de Teatro e Percussão e coordenador geral do projeto, Órfilo Fraga, ou Filó, como é mais conhecido, a periferia da cidade é um terreno rico para realização e produção de manifestações populares. "Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, não é um lugar onde só existem pessoas de baixa renda e problemas sociais. Todos pensam que lá só precisam de ajuda. Na verdade, o que eles precisam é de oportunidades para desenvolver talentos", afirma.

Foi com esta idéia que surgiu a Periferia Cultural. Lá reúnem-se *rappers, breakers*, grafiteiros e outras galeras. É o local onde se organizam e realizam seus eventos. Além do *hip-hop*, a Periferia Cultural acabou chamando a atenção de outras formas de expressão. Vieram as bandas de *hardcore* da cidade, e com elas os esqueitistas. Lá todos se integram e unem forças para conquistar um espaço e fortalecer seus ideais. Também, a Periferia Cultural desenvolve atividades voltadas para o aprimoramento dos talentos latentes da periferia. Oferece cursos e oficinas de teatro, *graffite, break* e música, promovendo assim um maior intercâmbio cultural entre as atividades desenvolvidas. O Projeto Periferia Cultural, criado há um ano, é mantido pela Companhia Brasileira de Teatro e Percussão, em convênio com a Fundação Cultural de Uberaba.

Tribais

Uma atividade que não poderia deixar de integrar a Periferia Cultural é o grupo de teatro e percussão Tribais. O grupo surgiu em 97, quando Filó dava aulas de teatro para meninos carentes de uma instituição religiosa. Durante o curso, ele percebeu que a garotada tinha "uma certa indisciplina". O batuque nas carteiras era constante durante as aulas. "Aí pensei, por quê não fazer algum trabalho em cima do batuque deles", se lembra Filó. Então, eles começaram a juntar galões de plástico, peças de ferro velho e outros materiais que produziam sons, como mangueiras de plástico e tubos de PVC. Formou-se o grupo Tribais, com um trabalho rítmico-expressivo, unindo batuques e performances teatrais. O grupo que já fez várias apresentações na região, também participou de uma oficina de música com o grupo Wakiti, de Belo Horizonte, que tem o trabalho reconhecido internacionalmente. Em suas apresentações, os meninos se pintam e fazem coreografias, usando a capoeira e técnicas teatrais como forma de expressão corporal.

Um dos integrantes dos Tribais, Washinton Luiz Fiuzza, 14 anos, ou Damião, como é apelidado pelos colegas, explica que desde pequeno fazia "barulho nas panelas da mãe". Foi convidado a ir no ensaio dos Tribais e acabou fazendo barulho com eles. "Tocar é muito bom, é algo que vem de dentro para fora em forma de batidas", explica o jovem músico. Assim como Damião, existem outros que vem da periferia para mostrar seu talento a outras partes da sociedade. Com ou sem patrocínio, eles fazem apresentações em escolas, espaços públicos e eventos. Esse é o passo inicial para desenvolver o trabalho com os jovens.

Para Filó, o projeto tem um outro objetivo. "Além de trabalhar o desenvolvimento cultural dos adolescentes, essa experiência acaba dando chances para uma auto afirmação dos jovens da periferia, conscientizando-os sobre a realidade social". Para ele, este é o início de um processo que pode modificar o nível de consciência do futuro cidadão.

Hip-hop em Uberaba

O movimento *hip-hop* surgiu há aproximadamente 15 anos em Uberaba. Do surgimento aos dias de hoje, mesmo enfrentando o preconceito de uma cidade tradicional, ele tem crescido nas camadas menos favorecidas. O Projeto Periferia Cultural consegue atrair estes adeptos para o centro da cidade, servindo de palco para os disque-joquéis (DJs) e para a galera ensaiar alguns passos do *break*.

Para Cristiane Ribeiro Caetano Fonseca, 16 anos, a Miguel Cris do grupo *U.B.A. Crew*, o *break* é a liberdade de expressão através da dança. De acordo com ela, a filosofia do movimento *hip-hop* se resume em três palavras: "paz, harmonia e união". Outro aspecto importante observado pela jovem é a questão do trabalho social que é feito através do movimento. "Nós usamos o *hip-hop* como uma alternativa para os jovens manterem-se afastados das drogas. Em vez do garoto estar cheirando cola ou usando cocaína, ele pode estar dançando, cantando, aprendendo artes gráficas como o *graffite*", explica Cris.

O *breaker* e grafiteiro Ricardo Wemerson, de 18 anos, o R-Loco, também do U.B.A. Crew, diz que o grupo está aberto a toda comunidade, seja para dançar, aprender a pintar ou simplesmente ter uma atividade cultural. Para ele, isso fortalece o próprio movimento *hip-hop* de Uberaba. Ele afirma que apesar de ter suas raízes nos Estados Unidos, o "hip-hop tupiniquim" busca uma identidade coerente com nossa realidade social. "Esta é a diferença brasileira. Enquanto nos Estados Unidos é uma cultura exclusiva dos negros das periferias, no Brasil tem brancos, negros e mestiços, pobres ou ricos contribuindo para a melhoria da cultura *hip-hop*", afirma R-Loco. Eles se organizaram e criaram um programa na Rádio Mundial (FM 95.1). O programa vai ao ar todos os sábados, das 18 às 20horas.

O *graffite* conquista adeptos da cidade, mas ainda é encarado como pichação. O artista plástico e psicólogo colombiano Carlos Alberto Rincón Ramos explica que o *graffite* é uma arte moderna dos grandes centros urbanos. "É uma resposta artística para o vandalismo das pichações, que sujam os monumentos públicos e prédios, criando uma poluição visual", define. Para Miguel Cris, que está aprendendo a usar as tintas, poluição e vandalismo é o que as indústrias

issuu-downloader.com

fotos: Leonardo Boloni

fazem com o ar e rios, agredindo o meio ambiente. "O *graffite* é outra forma de expressão ideológica, é preciso saber diferenciar arte de vandalismo", argumenta Cris.

Preconceito e modismo

O *hip-hop* ainda enfrenta problemas com a sociedade, como o preconceito em relação aos grupos de jovens, muitas vezes interpretados como gangues, ou pelo modismo que acabam deturpando sua imagen. R-Loco, assim como outros, afirma que o modismo serve para promover uma ou outra pessoa e não a coletividade. Além de ter pouca cobertura da imprensa, alguns grupos acabam aparecendo na mídia de uma forma prejudicial ao movimento. Um destes casos foi o "Bonde do Tigrão", em que as músicas incitam comportamentos inadequados aos jovens. "Apesar de ser um grupo formado nas favelas cariocas, o Bonde do Tigrão, como outros grupos em evidência, estão muito distantes das raízes verdadeiras do *hip-hop*. Nosso objetivo não é o estrelismo e sim o trabalho cultural e social. Nossas músicas pregam união e conscientização, falam de nossa realidade e também servem para a diversão, mas achamos que esta diversão deve vir com responsabilidade", diz o *breakker*.

Outro problema é a discriminação social. Para Ricardo Ranieri, 24 anos, o Manu Gordo, um dos pioneiros do *hip-hop* em Uberaba, o preconceito vem de uma sociedade mal esclarecida. "Seja pelo visual, o jeito de ser ou simplesmente por fazermos parte da periferia, as pessoas nos taxam de delinqüentes ou coisa pior", critica. Ele que já integrou grupos antigos na cidade como *Suite Power*, o primeiro em Uberaba e *Infratores do Sistema*, diz que acostumou a lidar com a situação. Atualmente, Manu Gordo é *B.Boy*, ou *break boy* (dançarino) do *U.B.A. Crew* e *Dj* do Atak Realista. Ele diz que isso ainda acontece nas grandes capitais, mas em Uberaba o preconceito da sociedade parece ser maior.

Apesar das dificuldades, o *hip-hop* uberabense está bem posicionado em relação ao cenário nacional. O integrante Antônio Carlos do Nascimento, ou Pretinho, do grupo *Ready Style Crew*, de São Paulo, vem sempre a Uberaba para se reunir com os amigos e trocam novidades e referências sobre os trabalhos atuais. Ele diz que Uberaba tem um bom trabalho desenvolvido pelos vários grupos. Pretinho aponta dois aspectos que podem ser positivos ou negativos para os grupos. "Existe uma certa disputa entre as galeras. O lado bom é que eles estão sempre se aperfeiçoando nas idéias e nas atitudes, o que melhora seus trabalhos cada dia mais. O outro é a questão dos conflitos ideológicos, que também servem para refletir sobre as várias idéias diferentes", explica Pretinho. Mas de uma maneira geral, ele afirma que há desenvolvimento cultural coerente com os grandes centros.

Outra dificuldade para os grupos da cidade está no apoio dado aos eventos. Um exemplo disto é o grupo de rap uberabense *Conspiração Positiva*, que precisou ir até Ribeirão Preto para gravar o primeiro CD. O MC (mestre de cerimônia) Alessandro Elisiário Dornelos, 26 anos, o Bazaka, diz que não encontrou apoio em Uberaba. "Como a gravadora de lá é independente e só lança trabalhos do estilo, vimos uma maior oportunidade para a gravação de nosso disco". O lançamento do CD está previsto para o primeiro semestre de 2002.

Seja dando espaço, unindo forças e agregando valores culturais, a Periferia Cultural está de portas abertas para a realização de trabalhos artísticos e sociais na cidade. Pessoas que tenham trabalhos ou idéias que possam contribuir para o desenvolvimento do espaço criativo, devem procurar a sede que fica na região central da cidade, na rua Vigário Silva, nº 13, próximo a praça Rui Barbosa. "Nós precisamos mostrar que a periferia não tem apenas carência. Ela possui valores culturais e sociais, precisamos dar espaço a estas formas de expressão artística e cultural. Periferia é somente uma questão de posicionamento geográfico", finaliza Filó.

HIP-HOP

O movimento surgiu nos guetos de Nova Yorque, no início dos anos 70. Na época, envolvia a figura de um DJ (Disc Jokey) e um MC (Mestre de Cerimônia), fazendo a harmonia entre a máquina e a voz. O DJ nas *Pick-ups* rolando o som e o MC cantando frases e refrões sobre a base feita pelo DJ. Vinha gente de tudo quanto era bairro: Brooklin, Queens, Harlem, Bronx, etc....

Juntando as condições de vida daquele povo, que na maioria eram negros, mais a repressão dos americanos junto aos latinos e imigrantes, a guerra do Vietnã e outros problemas sociais, causou o surgimento de um novo movimento chamado *hip-hop*, que significa "sacudir o quadril".

Mas o movimento não se prendia somente nisto, era também motivo de festa, de protesto, de ensinar e aprender, de se amar, enfim, uma maneira de viver e se expressar das comunidades negras americanas. Ele trazia três elementos artísticos como base de tudo para se expressar: o rap (a música), o break (a dança) e o graffite (desenhos com tintas spray).

No Brasil, o *hip-hop* chegou no início da década de 80 por intermédio das equipes de baile, das revistas e dos discos vendidos na rua 24 de Maio (região central de São Paulo). Os pioneiros do movimento, que inicialmente dançavam o Break, foram Nelson Triunfo, depois Thaíde & DJ Hum, MC/DJ Jack, Os Metralhas, Racionais MC's, Os Jabaquara Breakers, Os Gêmeos e muitos outros.

Em 1988 foi lançado o primeiro registro fonográfico de Rap Nacional, a coletânea "Hip-hop Cultura de Rua" pela gravadora Eldorado. Desta coletânea participaram Thaide & DJ Hum, MC/DJ Jack, Código 13 e outros grupos iniciantes.

Graffite

Graffiti é um termo tão antigo quanto a velha Roma. Os antigos romanos, em sua sociedade, tinham o costume de escrever com carvão nas paredes de suas construções. Eram manifestações de protesto, palavras proféticas, ordens comuns e outras formas de divulgação de leis e acontecimentos públicos, como se fossem mensagens em cartazes. No final da década de 60 e início da década de 70 no nosso século, jovens do bairro do Bronx reestabeleceram esta forma de arte, mas desta vez não com carvão e sim com tintas spray, criando um novo diálogo de graffite, colorido e muito mais rico, tanto visualmente quanto no conteúdo de mensagens que eram passadas.

Desde o início os artistas eram chamados de *writers* (escritores), costumavam escrever seus próprios nomes ou chamar atenção para problemas do governo ou questões sociais da realidade que viviam. Tais desenhos eram feitos, na maioria em trens, porque o verdadeiro interesse do graffiteiro era passar aquela mensagem para o maior número de pessoas. Outro modo de passar sua mensagem eram os muros das cidades. As teorias se unificam a partir do momento que se aceita que os graffiteiros ou escritores de trens, fossem os mesmos integrantes das gangues dos guetos de Nova York. Não podemos esquecer ainda que neste período século XX, nos grandes centros urbanos, as academias e escolas de arte começaram a entrar em crise e cair no conceito dos jovens artistas, que queriam uma linguagem nova, mais direta, mais humana e que mexesse com as pessoas, fazendo assim com que esse tipo de arte fosse bem aceita por um público mais comum. Com isso ocorreu um avanço no mundo do *graffiti*, graffiteiros criaram as chamadas "*tags*" que são na verdade como uma marca registrada, ou seja, suas assinaturas. Alguns até criam figuras, personagens, usados em seus *graffites*, os chamados "bonecos". Hoje, o *graffite* está nas maiores cidades do mundo, inclusive nas principais cidades brasileiras.

issuu-downloader.com

Uma história de amor construída pelo bem

arquivo Revelação

Dona Aparecida Conceição Ferreira: 40 anos de luta em prol dos portadores do Fogo selvagem

Por Luciana Alves de Souza
7º período de Jornalismo

Com passos calmos e cheios de amor, lá vai dona Aparecida, com seus 87 anos, passando de quarto em quarto, semeando suas palavras de bondade e carinho aos internos e funcionários do hospital do Fogo Selvagem. Trabalhando até hoje na instituição, a "vó", como é chamada pelos pacientes do Pênfigo Foliácio – também chamado vulgarmente de Fogo Selvagem devido à semelhança com queimaduras-, vai ao nosso encontro para contar a sua história de amor e caridade, mostrando o quanto foi difícil fundar um hospital para tratar de uma doença tão desconhecida e, de como conseguiu passar por cima do preconceito.

Como tudo começou

Aparecida Conceição Ferreira nasceu em 19 de maio de 1915, na cidade de Igarapava, estado de São Paulo. Criada por um tio, vendia doces, verduras e frutas para ajudar na manutenção da casa e para aprender a trabalhar, até então, nunca tinha pensado em trabalhar com doentes. Ela cresceu, casou-se, em 1934, com Clarimundo Emídio Martins e começou a trabalhar para pegar crianças de rua para criar.

Devido a um acidente com seu marido, Aparecida teve que duplicar seus trabalhos para que não faltasse o pão em seu lar. A família mudou-se para a cidade mineira de Nova Ponte, onde ela exerceu o magistério na zona rural, além de trabalhar como parteira.

De volta a Uberaba ela foi trabalhar como enfermeira técnica, na Santa Casa de Misericórdia, no setor de Isolamento. Em 1957 começaram a chegar pacientes com a doença do Fogo Selvagem. Mas a permanencia dos portadores do pênfigo não agradava a direção do hospital. A primeira ação da diretoria, na época recém empossada, foi expulsar esses doentes. Revoltada, dona Aparecida saiu pelas ruas com os doentes tentando várias alternativas em vão. Ao voltar para o hospital, desanimada pela rejeição demonstrada pelas pessoas de Uberaba e diante do estado crítico dos doentes, que deixavam rastros de sangue onde pisavam, dona Aparecida encontrou um homem que se interessou pelo assunto e a levou ao hospital.

O homem conversou com a diretora do hospital e deu a ordem para que Aparecida e os doentes ficassem ali. Depois de tudo resolvido, ela descobriu que o tal homem era o Promotor de Justiça.

A mágoa com a direção do hospital permanecia. Dona Aparecida decidiu ir

issuu-downloader.com

embora e os doentes resolveram acompanha-la. Na ocasião, eles não podiam sair pela porta, então ela quebrou um pedaço do muro para passarem. Depois que todo mundo passou, ela colocou as pedras no lugar e chegando em casa enfrentou mais um greve problema: a família. O marido e filhos mandaram que ela escolhesse entre eles e os doentes. Aparecida não tutibiou, escolheu os enfermos. Os vizinhos lhe deram o colchão, cavalete, tábua, caixote e tudo que pudesse servir de cama. À tarde estavam todos os doze agasalhados.

"Só vou descansar depois de ver o hospital pronto"

Dois dias depois, dona Aparecida recebeu a visita do diretor da Saúde Pública e o Assessor de Educação que arrumaram uma parte do asilo São Vicente de Paulo (que antes era necrotério) e disse que ficassem dez dias até arrumar local melhor. Foram dez anos. Nunca mais se ouviu falar no diretor da escola, nem assessor de educação. Mesmo assim ela continuou seu trabalho, em 1961 havia 363 enfermos.

Eles tinham somente a roupa do corpo e a roupa de cama. Em 1964, ela percebeu que naquele lugar não dava mais e foi para São Paulo. No viaduto do Chá ela pedia esmola para os doentes do Hospital do Fogo Selvagem de Uberaba. Um médico e um advogado, que eram vereadores uberabenses, foram até lá e vendo dona Aparecida naquela situação, acharam que ela estava desmoralizando Uberaba. Foram à delegacia e aos Diários Associados e fizeram a denúncia. Isto fez com que Aparecida ficasse presa quatro dias, sendo solta por intermédio de uma advogada voluntária, chamada Dra. Izolda M. Dias, que a defendeu no processo.

Ao saber do ocorrido, Saulo Gomes, repórter da TV Tupi, fez uma reportagem. Ele andou por todo o pavilhão do asilo São Vicente de Paulo, filmando e mostrando para o público a realidade dos enfermos. Com essa atitude promoveu-se uma campanha beneficente e muitas cidades participaram ajudando os doentes.

Aparecida passou muita necessidade. Quando a situação financeira piorava, ela ia para São Paulo onde recebia ajuda da comunidade espírita paulistana. Enquanto isso, sua filha ficava com os doentes. Segundo Aparecida, o povo de São Paulo a ajudou muito mais que o povo de Uberaba. Quando ela precisava de comida pegava um caminhão, que não era dela, e passava nas fazendas da região, recebendo alimentos dos fazendeiros.

O preconceito

A luta para manter o hospital era, e ainda é, incessante. Dona Aparecida percorreu por várias vezes os escritórios de empresários em São Paulo e pessoalmente conversava com cada um deles. Quando aconteceu a inauguração do hospital São Domingos, teve contato com o governador Magalhães Pinto, mas ele não a ajudou.

Os episódios mais tristes vividos por dona Aparecida foram protagonizados por pessoas que tentaram aparecer às suas custas e da entidade, mostrando que estavam fazendo doações gigantescas, mas que nunca foram repassadas. Alguns bancos tentaram receber taxas sobre operações que não existiram.

Nunca ninguém a tratou mal a não ser em Uberaba. Quando Aparecida e seus enfermos saiam pelas ruas da cidade pedindo dinheiro para o hospital as pessoas passavam álcool no portão, somente porque eles tinham colocado a mão. Às vezes, Aparecida saía com os doentes para pedir e as pessoas saíam da calçada porque eles estavam passando. Quando subiam no ônibus, por estarem cansados de andar a pé, as pessoas que estavam nele desciam. Aparecida confessa que algumas pessoas a julgam como ladra, mas segundo ela, nem roupa pessoal ela compra, tudo é ganhado.

Pomada abençoada

Aparecida dava banho nos pacientes e passava uma pasta que se parecia com a tradicional Minâncora, cor de rosa e dura. "Aquela pomada grudava nas feridas e para sair era uma dificuldade. O doente chorava, gritava era muito triste", relata. Ela conta que uma vez, quando estava dando banho em uma menina de oito anos que se chamava Ivete, ela chorava tanto de dor que pedia a morte. Isto a impressionou. Dona Aparecida rogou a Deus para que lhe desse a inspiração para fazer uma pomada para os enfermos não sofrerem tanto. Depois de três dias, Aparecida estava deitada e veio uma voz mandando que ela misturasse alguns ingredientes para a fabricação de uma pomada. No outro dia foi até um farmacêutico que a fez.

"Vamos rezar porque o mundo está precisando muito de oração"

Seu ingresso no espiritismo

"Eu estava fazendo a campanha do tijolo em São Paulo. Como não conhecia a cidade direito, arrumei uma pessoa chamada Lauro e mais duas meninas para andar junto. Eles estavam indo para o bairro do Brás, quando subiram a Avenida Rio Branco e passaram perto do Palácio de Justiça", conta dona Aparecida. "Em frente ao palácio tinha uma guarita. Entrei na casa e eles foram atrás. Havia um guarda sentado lendo jornal, quando mostrei o álbum de fotos do hospital, ele ficou zangado se levantou a mandou agente acompanhar ele. Nós entramos num salão que era enorme. Subindo uma escada encontramos dona Leonor Mendes de Barros conversando com um senhor e na outra poltrona estava o Bispo de São Paulo, dom Evaristo. Quando D. Leonor foi conversar comigo, Sheila, um espírito que perfuma, entrou no salão e quando foi sentar-se em sua poltrona quebrou um vidro de perfume que virou cinzas entre eles. Infelizmente Leonor não podia ajudá-la porque a instituição ficava no Estado de Minas Gerais, mas doou uma máquina de costura, duas peças de cretone e dez Cruzeiros que era uma quantia alta naquela época", relembra.

"O amor é algo sublime e deve vir da alma"

Saindo do palácio, dona Aparecida e seus companheiros seguiram para o Brás rumo a um Centro Espírita com o ideal de fazer sua campanha do tijolo. Chegando lá Aparecida recebeu o recado do Mentor Espitiual para dar passe na presidente do centro que estava doente. Como Aparecida nunca havia aplicado passes antes, não se manifestou para o tratamento. Ao término da reunião o recado tornou a ser dado. Então ela dirigiu-se até a enferma e lhe transmitiu o passe fazendo com que a enferma se curasse.

Daí em diante, dona Aparecida começou a trilha pelos caminhso do espiritísmo, obtendo grande influência de Chico Xavier, que a ensinou a trabalhar com a doutrina espírita. Também recebeu várias doações dele e de pessoas ligadas a ele.

Nova sede do hospital fogo selvagem

Aparecida não tirava de sua cabeça a idéia de construir uma nova sede para o hospital do Fogo Selvagem. O presidente da instituição naquela época, sabendo da vontade de Aparecida em ter um novo lugar para os doentes, mostrou uma proposta de compra de um terreno no bairro Abadia, onde hoje é o hospital. O valor do imóvel era de trezentos mil cruzeiros. Aparecida junto com seus doentes conseguiram o dinheiro no dia de finados, pois ficaram em frente ao cemitério pedindo para a obra. Ela pagou o terreno e com o passar do tempo descobriu através do governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, que o terreno não lhe pertencia pois não havia nada que comprovasse o pagamento.

Dona Aparecida, falando com Chico Xavier, foi indicada ao gerente da Caixa Econômica Federal que entrou em contato com os proprietários do terreno e levou a ela a proposta de duzentos mil cruzeiros para a compra, desta vez real, do terreno. Voltando a conversar com Chico Xavier, ela recebeu um cartão endereçado ao radialista Moacir Jorge, em São Paulo.

Chegando em São Paulo, Aparecida dirigiu-se aos Diários Associados onde encontrou Assis Chateaubriant, que lhe abraçou e disse que a casa era dela. Desde então encontrou sempre as portas abertas em rádio, televisão e jornais, para suas campanhas beneficentes. E Chateaubriant tornou-se grande amigo e benfeitor da instituição. Com dinheiro acima do valor pedido no imóvel, Aparecida voltou para Uberaba comprando o terreno e investindo o restante na obra de construção do hospital.

No dia dois de fevereiro de 1962 o prédio começou a ser levantado. O hospital demorou dez anos para ser construído pois foi tudo com dinheiro de esmola. Segundo Aparecida A instituição não tem um grão de areia da Prefeitura, é tudo esmola que ela trouxe de São Paulo.

O Hospital será ampliado. Dona Aparecida disse que só vai descansar depois de ver tudo pronto. Ela deixa uma mensagem de esperança:"Muito amor, muita sinceridade no trabalho e muita fé em Deus. Vamos rezar, porque o mundo está precisando muito de oração. O povo está de cabeça baixa. Não tem ninguém com a cabeça certa. Então é muito amor, o amor mesmo e carinho. O amor é algo sublime e deve vir da alma,"conclui.

issuu-downloader.com

Fotos: Ricardo Bavaresco

Usina de Volta Grande incentiva Ecologia

Envolvida em programas de responsabilidade social, hidrelétrica transforma a região onde está instalada

Ricardo Bavaresco
6º período de Jornalismo

Em 1974, entrava em funcionamento a Usina Hidrelétrica de Volta Grande, localizada em Conceição das Alagoas. Para possibilitar a construção da hidrelétrica, uma ampla área foi inundada e outra desmatada para a retirada de terra, utilizada nas obras da barragem. Sendo assim, a usina foi obrigada pela lei a recuperar a área degradada e deixá-la como era.

Para reparar os danos ao meio ambiente a Cemig – Companhia Energética de Minas Gerais – administradora e proprietária da hidrelétrica, implantou um centro de pesquisa e monitoramento das águas do lago de Volta Grande; uma estação de piscicultura; um viveiro para produção de mudas de árvores nativas e uma reserva para refúgio de animais originários daquela região, atendendo assim, às exigências impostas pelas leis ambientais. Para supervisionar estes projetos a Cemig mantêm uma equipe de sete funcionários, entre os quais, biólogos, técnicos ambientais e químicos, têm ainda parceria com a Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), Universidade de Uberaba e Universidade de Lavras (UFLA).

Com a implantação da barragem, os peixes ficaram impedidos de subir o rio, prejudicando a reprodução das espécies

Controle da águas dá maior vida à usina

Volta Grande tem um reservatório de 2,3 bilhões de metros cúbicos e uma barreira de 36 metros de altura, com uma produção total de 380.000 KW (Kilo Wats) de potência. A técnica em Química da usina, Sônia Maria Ramos, explica que a preocupação com as águas do rio veio com a implantação da represa. "Nós já fizemos uma mudança muito grande no ecossistema da região, alterando o curso das águas do rio, de correntes para represadas, isso foi causa de um enorme impacto em toda a área, inclusive para as plantas aquáticas, que perderam parte de seus alimentos, vindos junto à correnteza".

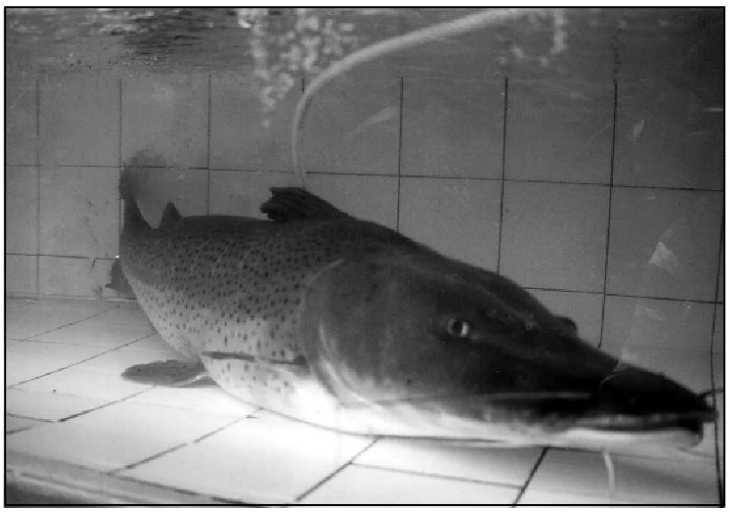
Sônia Ramos ressalta que o maior problema de hoje é a poluição causada pelos esgotos das cidades, que ficam às margens do rio e de córregos que lançam sua água em Volta Grande. Outro caso que aflige é o distrito industrial de Uberaba, formado em sua maioria por fábricas de fertilizantes, responsáveis pelo lançamento de produtos tóxicos. Com uma maior quantidade de poluentes o número de algas cresce consideravelmente, disputando o oxigênio com os peixes.

Para tentar amenizar estes problemas, a hidrelétrica mantém uma equipe coletando e analisando a qualidade da água do reservatório. Estes técnicos fiscalizam toda a área que forma o lago de Volta Grande, desde a ponte da Br 050 - que liga os estados de Minas Gerais e São Paulo – até a represa. Ao localizarem uma fonte poluidora, o ponto é marcado em um mapa e são coletadas amostras de água para análise. Depois de detectado o tipo poluente, a hidrelétrica envia um relatório para o IEF (Instituto Estadual de Floresta) e para o Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Hidricos responsável pelo meio ambiente no Brasil.

Programa atende várias hidrelétricas

Na parte baixa do lago foi construída uma estação de piscicultura onde é feita a criação de espécies de peixes existentes na região. José Lucas de Freitas, coordenador do programa, fala que com a implantação da barragem, os peixes ficaram retidos nesta área, impedidos inclusive de subir o rio, prejudicando desta forma a reprodução das espécies. "Aqui nós fazemos a reprodução induzida por hormônios. Esse produto é muito caro, pois é natural e sua obtenção não é muito fácil, já que somos obrigados a matar os peixes. Precisamos ainda da autorização do IBAMA. O produtor destes hormônios precisa reproduzir as espécies em cativeiro e comercializá-las para o abate. A morte é inevitável, uma vez que o hormônio fica localizado na cabeça do animal", conclui José Lucas.

A reprodução de espécies de corredeiras é realizada somente uma vez por ano, no período da Piracema. A técnica utilizada é estressante para os peixes, podendo ocasionar a morte de algumas matrizes. A produção dos alevinos é totalmente voltada para o repovoamento dos rios, já que a Cemig trabalha em sistema de cotas, ou seja, cada hidrelétrica tem uma quantidade de peixes para o repovoamento da sua região. José Lucas explica que ficou um pouco mais difícil para manter uma quantidade maior de algumas castas no rio por causa do aparecimento de espécimes exóticas, dentre os quais, o Tucunaré (Cichla sp. – Norte do Brasil), que é carnívoro e reproduz mais vezes durante o ano, causando assim um descontrole e desaparecimento de outros peixes, dentre eles o Lambari (Astyanax bimaculatus). O ribeirinho, Guilherme Landucci Golmanetti, conta que começou a



issuu-downloader.com

aparecer a Piracanjuba (Brycon orbignyanus) após o programa desenvolvido pela hidrelétrica. Segundo ele, fazia muito tempo que não eram encontrados no rio e hoje já está mais fácil até para pescá-la.

Viveiro de mudas supera expectativas

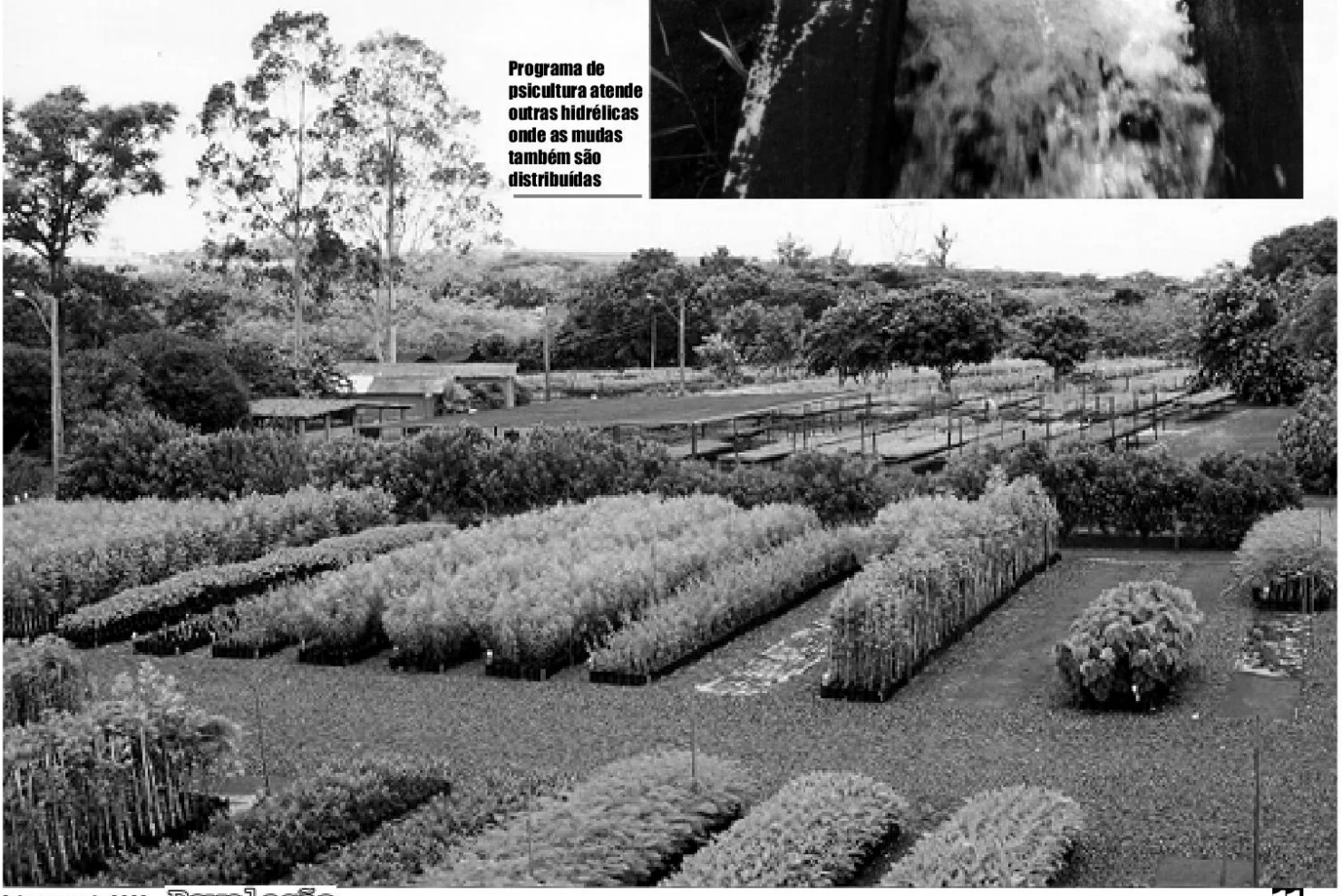
O trabalho de preservação não é apenas voltado para as águas e peixes do Rio Grande, mas também para as matas ciliares, pois caso não existissem, não haveria alimentos para os seres aquáticos e fontes para formar os rios, surgindo as erosões que acabariam com os mananciais. A Hidrelétrica de Volta Grande mantém um canteiro de mudas das espécies nativas da região para o reflorestamento das margens.

"Programas simples estão gerando resultados e transformando a fauna e flora da região"

Segundo José Ricardo Silveira, técnico ambiental e coordenador do viveiro, as mudas produzidas são plantadas nas margens do Rio Grande e de seus afluentes. São também levadas para outras usinas que a Cemig administra. José Ricardo ressalta "que no começo era difícil promover o plantio de matas ciliares, pois os proprietários das terras vizinhas às das hidrelétricas não ajudavam e, na maioria das vezes, as mudas eram queimadas ou consumidas pelo gado. Hoje em dia, eles não estão conseguindo produzir reservas no viveiro em função da demanda. Só este ano, já foram produzidas cerca de duzentas e cinqüenta mil mudas e as que estão aqui no viveiro já tem destino certo".

José Ricardo Silveira afirma que "a conscientização da população e a melhor atuação da polícia florestal são os responsáveis diretos por este aumento. Com o constante monitoramento da área e o rigoroso cumprimento da lei, o lago da Represa de Volta Grande volta a propiciar o verdadeiro contato do Homem com a Natureza. Programas simples, mas que estão gerando resultados e transformando a fauna e flora da região".

Programa de psicultura atende outras hidrélicas onde as mudas também são distribuídas



issuu-downloader.com

issuu-downloader.com